

Representações e memória social através do futebol em São Paulo

João Paulo França Strepco

As discussões acerca do papel da memória e suas relações com a história despertam o interesse de considerável número de pesquisadores que atuam neste campo do saber. A inauguração do Museu do Futebol (e de diversos Memoriais de Conquistas em diversos clubes pelo Brasil) coloca algumas perguntas que devem estimular um debate fecundo e permitir a aproximação daqueles que estudam esportes em geral, e futebol, em particular, com discussões que se apresentam de maneira mais ampla através da história cultural.

A rememoração ocorre num universo tanto de palavras, de coisas, de práticas e gestos corporais, e neste sentido, o futebol ganha grande importância na sociedade brasileira no decorrer de todo o século XX. O estudo do futebol na cidade de São Paulo pode contribuir para o debate mais amplo da historiografia acerca de memórias e representações que circularam e se cristalizaram no imaginário social e que envolvem questões como identidades, classes sociais, etnias e nacionalidades. Este trabalho tem por objetivo analisar as relações entre futebol e a memória social brasileira, explorando um dos aspectos pouco analisados pelas recentes pesquisas sobre o esporte, através do estudo da história do futebol na cidade de São Paulo: o futebol como vetor ou *lugar de memória* em nossa sociedade.

Desde os primórdios das civilizações, o ser humano se depara com o problema da preservação da memória, não apenas da memória individual, mas da memória social também. Isto porque a perda ou destruição da memória, além de inviabilizar a aplicação de tecnologias desenvolvidas anteriormente, costuma produzir perturbações graves nas identidades e nas relações de poder dentro dos diversos grupos sociais que dele tentam se apoderar ou já se apoderaram.

Identidades através do futebol.

No decorrer do século XX, a prática de futebol se consolidou por todo o território brasileiro e se converteu numa poderosa manifestação popular, capaz de produzir ídolos, ritos, mitos, construir identidades e, porque não, guardar parcela significativa da memória social. Através dos memoriais de conquista montados pelos clubes que se dedicaram ao esporte durante o século XX e do Museu do Futebol, recém inaugurado em São Paulo, temos acesso a um rico repertório de documentos e imagens que podem contribuir para o trabalho daqueles que estudam a história da cidade de São Paulo.

Este rico acervo foi produzido no decorrer de todo o século XX por torcedores, jornalistas e praticantes. As publicações dos clubes e periódicos trataram de construir, consolidar ou difundir algumas tradições e histórias; outras surgiram e se agigantaram por iniciativa dos torcedores, transformando-se em mitos. Os primeiros livros acerca do futebol em São Paulo foram publicados em 1917, por ocasião da demolição do Velódromo Paulista, um dos primeiros espaços utilizados pelos times da burguesia da cidade para a disputa de jogos de futebol.

As primeiras publicações organizadas pelos clubes surgiram na década de 1930, quando o futebol começava a se profissionalizar. Todas traziam o espaço dedicado à história de cada clube. Em 1933, por exemplo, o Corinthians lançou o primeiro volume da *Revista do Corinthians*, retomada com grande força, no final dos anos 1940, com a coluna *Memória Corinthiana*, na qual se contava fatos considerados relevantes pela diretoria do clube naquele momento histórico.

Se somarmos o material produzido pelos jornais e periódicos, especializados em futebol ou não, fotos particulares, coleções de álbuns de figurinhas, flâmulas, camisetas de time, bandeiras e times de *botões*, este repertório se amplia consideravelmente. Apenas na cidade de São Paulo, poderíamos falar de vários espaços abertos ao público e que são dedicados à exposição de peças e objetos relacionados com o futebol. Além de clubes como Corinthians, Palmeiras, São Paulo, que mantém seus memoriais, podemos citar o próprio Museu do Futebol e a biblioteca da Federação Paulista de Futebol. Falta mencionar que diversas pessoas montaram e mantêm coleções particulares em suas casas.

Interessante notar que quando introduzido em São Paulo no final do século XIX, o futebol não era uma modalidade esportiva relacionada ao espetáculo de massas e aos grandes estádios, e sim a alguns grupos estrangeiros, em especial britânicos, que atuavam em empresas envolvidas no comércio de café ou de projetos de urbanização da cidade, e nas horas vagas jogavam futebol como recreação e distração, em terrenos baldios no bairro do Bom Retiro e na Várzea do Carmo.

Sua apropriação pela população paulistana foi rápida e sem restrição de nacionalidade, racial, de gênero (futebol feminino), ou social. Em carta enviada à Banister Court School em 1904, Charles Miller assegurava que o futebol era praticado em todos os cantos da cidade, por ricos e pobres¹. Este fenômeno ocorreu por vários motivos: por permitir a construção de identidades em um período de grandes transformações da sociedade brasileira, porque o

¹ HAMILTON, Aidan. Um jogo inteiramente diferente! Futebol: A maestria brasileira de um legado britânico. Rio de Janeiro, Gryphus, 2001.

esporte materializava o lento acesso ao tempo livre em um contexto de industrialização limitada e com grandes jornadas de trabalho, ou porque sinalizava um valor coletivo de força e progresso dentro de um espaço mítico, gerado pela vitória de um atleta ou equipe, no qual os campeões eram ao mesmo tempo excepcionais no desempenho desportivo, mas não perdiam a característica humana.

A identificação com o vencedor (equipe, time, clube, seleção ou atleta) se estabelecia porque este era *excepcional* na condição de atleta, o que triunfava em um sistema competitivo que reproduzia (e reproduz) a lógica capitalista, representando nesta cultura competitiva, sua comunidade naquilo que havia de *melhor* nela, e ao mesmo tempo era *normal* em sua humanidade, próximo a qualquer um de nós. Assim, os heróis do futebol (e dos esportes) ganharam em densidade e desafios com o passar dos anos, atletas ou equipes.

Se no início era atividade de um grupo de jovens em busca de lazer na cidade que crescia, transformou-se no decorrer do século XX em um tipo de manifestação abrangente, que possibilitava o sentimento de pertencimento a uma comunidade ou bairro, a um grupo nacional ou econômico, a uma classe social ou simplesmente a um time de futebol.

A fascinação gerada pelo esporte, além disso, se relacionava também com o fato do futebol se transformar em uma maneira de contar histórias excepcionais, uma maneira de transfigurar o ideal em tema sempre mais visível e concreto, e ao fato do jogo se transformar em risco ao projeto de poder vigente.²

O futebol construiu novas representações durante todo o século XX, transformou-se em um espaço no qual as contradições das sociedades capitalistas afloravam e eram resolvidas de forma *mágica*, quase que como um imenso sonho social, em que prevalecia a meritocracia, explicitada pelas vitórias e conquistas das equipes e dos atletas. Desde o princípio da disseminação do futebol, equipes e atletas dos grupos sociais mais pobres obtiveram bons resultados, promovendo a identificação da população com elas.

Memória e identidade. Como o futebol constrói representações.

Uma das maneiras mais fortes para a construção da identidade de um time de futebol ocorre na relação com os adversários dos campeonatos e partidas, aqueles que são identificados como o(s) outro(s). Outro aspecto fundamental desta construção é o da

² VIGARELLO, Georges. O espetáculo esportivo das arquibancadas às teles. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (orgs.). *História do Corpo: As mutações do olhar (O século XX)*. Petrópolis, Vozes, 2008. Pág. 446.

memória³ do clube, de seus jogadores, dirigentes, torcedores, conquistas ou mesmo derrotas marcantes. A memória é fundamental no processo de construção desta identidade ao fornecer os códigos de classificação e interação social que permitem a fixação de representações sociais que dão unidade e coesão ao grupo. Esta rememoração ocorre em um universo de palavras, objetos e práticas corporais⁴ e é condicionada pelas demandas do presente. Daí os clubes montarem seus acervos e memoriais de conquistas.

O futebol permite averiguar outras formas de preservação da memória como as práticas corporais utilizadas dentro do campo pelos jogadores (dribles, passes, gingas de corpo etc.) e as utilizadas pela torcida (cantos, músicas, gritos, danças etc.).

Podemos afirmar que os dispositivos mnemônicos do futebol se apresentam de diversas maneiras. O estádio de futebol é um espaço celebrativo que apresenta características rituais, mesmo sendo historicamente novo⁵, onde a performatividade e o formalismo dos praticantes e simpatizantes são essenciais na identificação de um determinado grupo social, na conservação de um desejo de produzir e dar forma a uma comunidade, de repetir conscientemente o passado, de encontrar sentido na recorrência celebrada. Em toda partida de futebol, os jogadores e torcedores são recordados de algo com conteúdo cognitivo.

Trata-se de representar e recordar a própria identidade, contando-a em uma meta-narrativa, que é mais que a história que se conta e sobre a qual se reflete. É um culto encenado, uma performance, em que os participantes devem ter instrumental cognoscível para compreender, e também devem estar habituados ou serem competentes para a praticarem. As representações são tomadas como certas na medida em que forem recordadas como hábito. Aquilo que é representado ganha força na medida em que é algo a que os jogadores e os torcedores já estão acostumados⁶.

³ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A história, cativa da memória? In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* nº34. São Paulo, IEB-USP, 1992. Para um aprofundamento sobre o papel da memória e suas relações com a história. O professor neste artigo nos lembra que a construção da memória é um processo realizado no presente e diferente da história, atividade científica dos historiadores. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, Unicamp, 2006. Neste trabalho existe um capítulo dedicado à discussão sobre memória, que a define como a propriedade de conservar certas informações, que nos remete em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Pág. 419.

⁴ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e cultura material. Documentos pessoais no espaço público. In: *Estudos Históricos* nº21. Rio de Janeiro, CPDOC – FGV, 1998. Pág. 90.

⁵ A cidade de São Paulo passou a contar com um grande estádio apenas na inauguração do Estádio Municipal, em 1940.

⁶ CONNERTON, Paul. *Como as sociedades lembram*. Oeiras, Celta, 1992. Pág. 105.

Corpo e memória na sociedade brasileira.

Cada sociedade ou comunidade desenvolveu técnicas específicas, de acordo com os recursos técnicos possíveis, para preservar a própria memória, fundamental na consolidação e compreensão da própria identidade que se estabelece na relação de continuidade entre o passado e o presente. A memória não é produto do passado, mas construção contínua realizada no presente, construção que ocorre nas relações e disputas de poder dentro destas sociedades e comunidades pelos diversos grupos sociais.

Seguindo este raciocínio, podemos afirmar que as técnicas do corpo também servem de suporte à memória e neste sentido, cabe resgatar a noção desenvolvida por Mauss acerca do tema: “*Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo*”⁷. O uso do corpo como suporte da memória é possível porque os instrumentos que servem de vetores à memória não estão exclusivamente relacionados à oralidade ou escrita, e, como o referencial empírico da memória é simbólico, baseado na narrativa, o corpo, as cerimônias religiosas, políticas ou esportivas e os objetos materiais desempenham papel fundamental neste processo, transformando-se em linguagem, também.

O processo de modernização engendrado pelas elites paulistanas na virada do século XIX para o XX, eurocêntrico e racista, ao tentar apagar a presença das culturas caboclas e negras paulistanas através de proibições⁸ e destruição do patrimônio arquitetônico tradicional⁹, obrigou a adoção e criação de novas técnicas corporais mnemônicas pela população pobre ou que descendia dos escravos, em pleno século XX, que permitissem a preservação da própria identidade, uma vez que estas populações não tinham acesso aos meios escritos fornecidos pela escolarização em massa.

⁷ MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. Pág.401.

⁸ O Código Penal Brasileiro de 1890 proibia a prática das religiões de matriz afro-brasileiras como a macumba. Em diversas regiões do Brasil, havia confusão acerca das diferenças entre batuque e macumba, razão pela qual, o batuque também foi reprimido pela polícia. Para maiores informações DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada. Negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*; KOGURUMA, Paulo. *Conflitos do imaginário. A reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na metrópole do café*. TRINDADE, Liana Maria Sálvia. *Construções míticas e história. Estudo sobre as representações simbólicas e as relações raciais em São Paulo do século XVIII à atualidade*. TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*; TINHORÃO, José Ramos. *Os sons que vêm da rua. Música popular de índios, negros e mestiços*. TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil. Canto, danças, folguedos: origens*.

⁹ MARINS, Paulo César Garcez. *Habituação e vizinhança. Limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. (In): SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da Vida Privada no Brasil. Vol. III*. Pág. 172. Segundo o autor, as ruas de centrais de São Paulo estavam “*intimamente associadas à população negra da cidade, que sobrevivia de agências improvisadas, num cotidiano urbano alheio aos proventos do café, cultivado em distantes áreas do interior da província*”; ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei. Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. Págs. 64 e 67.

Além disso, em razão do relativo isolamento esportivo brasileiro nas primeiras décadas do século XX, pelo fato da imensa maioria da população não ter acesso ao jogo disputado em outros países, os brasileiros adaptaram as regras e jogadas do futebol de acordo com os códigos e referenciais corporais já conhecidos pela população. Fátima Antunes afirma que este foi um processo inconsciente¹⁰. Penso que não é bem assim.

O legado dos pioneiros como Miller, Friedenreich, Neco, Amílcar e Bianco, reputados como os primeiros grandes jogadores em atividade em São Paulo, está diretamente ligado a esta capacidade de incorporar num processo de sincretismo, os elementos culturais do século XIX que corriam o risco de desaparecer por conta das proibições do poder público, como o jogo da peteca praticado com os pés pelos moradores da cidade¹¹, criando novas estratégias de *despistamentos* dentro dos jogos de futebol.

A chaleira, a bicicleta, o elástico, as pedaladas, os *jogos de corpo* entre outros dribles são ferramentas poderosas utilizadas pelos jogadores brasileiros de futebol na atualidade. Mas em nossa perspectiva, são fenômenos de longa duração¹², práticas herdadas das culturas caboclas e afro-brasileiras do século XIX, práticas corporais que eram dominadas inclusive pelos filhos das elites e dos imigrantes (que afinal eram brasileiros também).

Desta forma, o futebol permite perceber a rica contribuição daquela população cabocla, mestiça e caipira que aqui habitava antes do ciclo da imigração às práticas culturais vigentes atualmente na cidade, e, que foi silenciada no decorrer do século XX por iniciativas oficiais como a demolição da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e de outros marcos geográficos utilizados pela população tradicional.

Conclusão

Se levarmos em conta apenas os aspectos relacionados à tradição escrita e a memória consolidada pelos jornais da época, pelos clubes e dirigentes esportivos, acreditaremos que os grupos não letrados da sociedade paulistana só se interessaram pelo futebol tardiamente, cerca de quinze ou vinte anos após a sua introdução na cidade. Também acreditaremos que as jogadas geniais são legados exclusivos dos atletas de ascendência africana. Nesta perspectiva, passaremos a repetir através do discurso as práticas excludentes que são recorrentes nos

¹⁰ ANTUNES, F. "Com brasileiro, não há quem possa!" *Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. Págs. 145 e 146.

¹¹ SEVCENKO, N. A cidade *metástasis* e o urbanismo inflacionário. Incursões na entropia paulista. *Revista USP* n.º. 63 Pág. 22. O autor afirma que o jogo de peteca era proibido e perseguido pela polícia por todo o século XIX.

¹² BRAUDEL, F. "A longa duração" In: *Escritos sobre história*. São Paulo, Perspectiva, 1992.

clubes e federações de todo o país, através das quais, o lugar do negro na hierarquia do futebol brasileiro é subalterno ao dos brancos.

Ao buscar os elementos populares que resistiram a este processo modernizador e excludente das elites brasileiras após a proclamação da República, devemos relativizar o papel da memória escrita acerca do futebol como a única ou principal herança metonímica legada por aqueles que se dedicaram ao esporte durante o século XX. Entendê-la como representante da memória de parcela da população é muito importante; porém, não podemos nos esquecer que a imensa maioria da população não tinha acesso a estes vetores de memória e se utilizaram de outros meios para legá-la às novas gerações. Desta forma, poderemos evitar um olhar eurocêntrico e possivelmente preconceituoso nos estudos acerca da memória, que afirma que a sociedade brasileira não se preocupou com sua memória ou quando muito, possui uma *quase memória*¹³.

Bibliografia

- ANTUNES, F. *“Com brasileiro, não há quem possa!” Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo, Unesp, 2004.
- BRAUDEL, F. "A longa duração" In: *Escritos sobre história*. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- BURKE, Peter. Quase memória. Caderno Mais. *Folha de S.Paulo*. 28/09/2008.
- CONNERTON, P. *Como as sociedades lembram*. Oeiras, Celta Editora, 1993.
- CORBIN, A; COURTINE, J. J. e VIGARELLO, G. (orgs.). *História do Corpo – vol. 3. As mutações do olhar: O século XX*. Petrópolis, Vozes, 2008
- DAMO, A. S. *Do dom à profissão. A formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo, Hucitec, 2007.
- DOMINGUES, P. *Uma história não contada. Negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo, Senac, 2003.
- FIGUEIREDO, A. *História do Foot-ball em São Paulo*. São Paulo, Secção de obras de O Estado de S.Paulo, 1918.
- HOBBSBAWN, E. J. e RANGER, T. *A invenção das tradições*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- KOGURUMA, P. *Conflitos do imaginário. A reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na metrópole do café*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2001.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas, Unicamp, 2006.

¹³ BURKE, P. Quase memória. Caderno Mais. *Folha de S.Paulo*. 28/09/2008.

LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra 2 – Memória e ritmos*. Lisboa, Edições 70, 1990.

MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança. Limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. (In): SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da Vida Privada no Brasil. Vol. III*. São Paulo, Cia.das Letras, 1998.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

MENESES, U. T. B. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros n°34*. São Paulo, IEB-USP, 1992.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei. Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo, Fapesp/Studio Nobel, 1997.

SAHLINS, M. *Cultura e razão prática*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

SANTANNA, L. *O football em São Paulo. Notas crítico biográficas dos principais jogadores paulistas antigos e modernos*. São Paulo, Typographia Piratininga, 1918.

SEVCENKO, N. A cidade *metástasis* e o urbanismo inflacionário. Incursões na entropia paulista. *Revista USP n° 63*. São Paulo, CCS-USP, 2004.

TINHORÃO, J. R. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo, Editora 34, 2000.

----- *Os sons dos negros no Brasil. Canto, danças, folguedos: origens*. São Paulo, Art Editora, 1988.

----- *Os sons que vêm da rua. Música popular de índios, negros e mestiços*. São Paulo, Editora 34, 2005.

TRINDADE, L. M. S. *Construções míticas e história. Estudo sobre as representações simbólicas e as relações raciais em São Paulo do século XVIII à atualidade*. Tese de Livre-Docência. São Paulo, Departamento de Antropologia da FFLCH-USP, 1991.

YATES, F. *A arte da memória*. Campinas, Unicamp, 2007.